

TÍTULO DO TRABALHO			
REFLEXÕES SOBRE A TROPICÁLIA E O PRESENTE			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Henrique Campos Monnerat	Universidade Federal do Rio de Janeiro	RJ	Doutorando
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Uma reflexão sobre a manifestação tropicalista e seu escólio crítico se faz importante no contexto atual. A afirmação de Walter Benjamin que vê a literatura como uma historiografia inconsciente revela a necessidade de debatermos sobre as manifestações culturais recentes e as relações que estas operam com hoje. O estudo da tropicália e sua crítica relevam-se aqui como um importante laboratório para examinarmos questões como a situação da crítica atual às usinas de ideias patrocinadas pelo status quo cuja matéria prima que movimenta suas turbinas é tanto o consenso quanto o contexto atual de mito do progresso amparado na lógica política da terceira via que procura aprofundar a dominação capitalista em nosso horizonte. Nesse sentido, reflexões sobre o tempo histórico tornam-se prementes, assim como a busca por imagens dialéticas que possam nos explicar/organizar.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
Tropicália ; Contemporâneo ; Walter Benjamin			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>A reflection on the manifestation of tropicália and its critical scholium becomes important in the current context. The Walter Benjamin's assertion that sees literature as an unconscious historiography reveals the need to debate on the recent cultural events and relationships that they operate with our time today. The study of tropicália and its criticism works here as an important laboratory to examine issues such as the situation of the current criticism of the plants of ideas sponsored by the status quo whose raw material that drives its turbines is so much consensus on the current context supported by the myth of progress in the political logic of the third way that seeks to deepen the capitalist domination in our horizon. In this sense, reflections on the historical time become urgent, as well as the search for dialectical images that might explain /organize.</p>			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
Tropicália ; Contemporary ; Walter Benjamin			
EIXO TEMÁTICO			
A luta libertadora da cultura e da arte			

REFLEXÕES SOBRE A TROPICÁLIA E NOSSO PRESENTE

Henrique Campos Monnerat

Para Walter Benjamin a literatura é uma espécie de historiografia inconsciente. No começo do século XXI o significado e as ressonâncias passíveis de serem exploradas por essa frase nos estimula. Ainda mais quando a estendemos para o conjunto da literatura e de sua crítica. Essa colocação deve ser entendida num contexto de dura crítica à historiografia que estaria prestando o papel de uma história cortesã muito bem descrito nas Teses Sobre o Conceito de História escritas pouco antes de sua morte. A história, preocupada com feitos heroicos, datas, comemorações e efemérides deixaria de lado as lutas e as tensões que a permeiam. Sabemos que hoje esse quadro é diferente e a história enquanto disciplina passou - inclusive na última década em que viveu Benjamin - por um processo de questionamento e reformulação que questionaram o seu status de história cortesã e a aproximaram de outras áreas do conhecimento. Tal operação não foi realizada sem uma reflexão sobre o tempo histórico e seus significados na sociedade capitalista.

O avanço da dominação capitalista no plano do inconsciente e no plano do meio ambiente a tudo transformando em mercadoria se faz através de sua lógica cultural repleta de ambigüidades e meandros que o crítico marxista Fredric Jameson conceitua com o rótulo do pós-modernismo. Muitas das críticas ao pensamento de Benjamin sobre a história que o acusaram de ser irracionalista ou próximo a uma visão mística e religiosa conservam, no entanto, um traço daquela mesma história cortesã criticada por ele. A complexidade do quadro demanda que avaliemos atentamente as afiliações teóricas e suas recepções. A academia em sua busca contínua de se integrar na sociedade e não se fechar em gueto tem uma responsabilidade e uma mea culpa a fazer nesse ponto. Da mesma forma a maneira que reivindicamos o legado e organizamos nossas manifestações artísticas.

Este artigo é antes de tudo uma provocação à tropicália, sua crítica e como que ela tem se consolidado nas últimas décadas. Tal provocação pode ser estendida também ao conjunto da crítica e aos espaços acadêmicos em um tempo em que as certezas de uma espécie de belle époque neoliberal travestida de terceira via revela os seus pés de barro e desmorona. O ídolo de frágeis pés se alimenta do progresso. Progresso este que é a outra face de uma barbárie intermitente. O otimismo deve ser evitado nesta provocação, pois possui um papel deveras prejudicial na tarefa de perceber o nosso momento político e sua contradição. Quanto mais estas

linhas estejam contaminadas pelo presente melhor, pois esta comunicação se aproxima de sua proposta inicial na imperfeição do momento atual e suas conclusões arriscadas.

A tropicália foi erigida como a manifestação contracultural por excelência brasileira que influenciou diversas áreas artísticas. Hoje entre homenagens e tributos o consenso tenta esconder as diversas tensões que percorreram o seu surgimento. Seja reduzindo-a ao caráter musical ou sustentando a ideia de uma verdade tropical o seu pensamento é também uma interpretação do Brasil.

As discussões sobre a forma da canção tropicalista ultrapassam em muito a mera descrição da utilização de instrumentos como a guitarra elétrica. Tampouco a fórmula se resume à mistura do berimbau com a guitarra. A sua complexidade se revela nas discussões que salientam a fusão entre o moderno e o arcaico, o caráter de citação não só do cancionário brasileiro e internacional, a aproximação de elementos a uma primeira vista considerados díspares e a relação do artista brasileiro num processo de profissionalização e racionalização do mercado, especialmente o musical. Em meio às discussões e as mudanças sociológicas e comportamentais uma visão de fundo persiste: a de que a tropicália encarnou o novo, uma forma nova que buscava questionar muitas das certezas que havia. E que a ambiguidade lhe era presente em tempos de forte polarização ideológica. Assim como o abalo de estruturas, o questionamento radical de posturas que rompiam e expressavam muitas coisas.

Pode-se argumentar que a tropicália tenha formado o seu público e que este tenha sido composto predominantemente por um público identificado ao mundo universitário e de classe média? Tal visão apesar de reducionista não deixaria escamoteada a dimensão de classe. A mesma que é alegada por Roberto Schwarz em seu ensaio publicado em 1970 que tocava no ponto de esnobismo de classe da tropicália que poderíamos traduzir na linguagem atual como algo entre o cool, o cult e o descolado. O *hipster*, o *gentrificado*. Até porque o domínio de tantas referências díspares – principalmente as estrangeiras - em um país como o Brasil significa por muito tempo uma marca de classe considerável. Significaria ainda?

O que se pretende neste artigo não é uma descrição da forma das canções tropicalistas. Tampouco se ignora os meandros e as conexões existentes entre o processo social e o que as formas das canções nos podem revelar. As interpretações propostas sobre os discursos do tropicalismo no Brasil devem ser analisadas a luz do pensamento do Brasil contemporâneo e das reflexões de Walter Benjamin sobre o progresso e o despertar.

Poderíamos nos arriscar a encontrar ressonâncias dessas posições em formulações e visões do nosso passado, de um "quando tudo começou a mudar". Nesse momento nos

depararíamos com a década de 1960 e suas figuras eleitas para representar uma época. O fascínio que uma época provoca em pessoas de outra traz consigo muitas coisas. O índice secreto que as gerações compartilham e os seus sonhos. A leitura do despertar no livro das *Passagens* de Benjamin tem muito a nos dizer. Um sentimento de mudança de um ano que entra pra história. Um ano que não acabou nos dizeres de Zuenir Ventura.

Em Benjamin a configuração histórica seria a configuração onírica. Em seu livro *Passagens* o despertar é apresentado enquanto técnica. Não há como não pensar no viés estratégico que se mostra no que ele chama de "tentativa de compreender a revolução dialética, copernicana, da rememoração". Para ele a Revolução Copernicana se daria na mudança da relação entre o presente e o ocorrido. Este último se tornaria a reviravolta dialética em que irromperia a consciência desperta. Muitas são as relações que podemos fazer com a ideia de despertar e consciência. O termo conscientização populariza-se nos anos 1960. Da mesma forma que Benjamin caracterizou o século XIX partindo do argumento de uma época sonha e cita outra podemos vislumbrar o peso e a importância assumida pelos anos 1960 na época atual. A interrupção do tempo vazio da sociedade de classes acontece com o questionamento radical do progresso e de seus mitos. Avaliar em que medida o mito do progresso também se esconde nos discursos sobre manifestações culturais brasileiras como o tropicalismo é um dos objetivos desse artigo.

Nessa passagem de tempo dos anos 1960 até os dias atuais uma operação parece ter marcado fortemente a retórica do status quo. Poderíamos identificá-la como o advento de um novo que consolidou a visão de que as lutas por uma sociedade que não esteja baseada no lucro e na exploração parecessem coisas ultrapassadas, antiquadas, anacronismos. É interessante notar que isso acontece em uma época fortemente marcada pelo presentismo que busca anular a historicidade e politização. Esse não é um processo pontual dos anos 1960 e sim um que estende pelas décadas. Pensemos nos anos finais da década de 1970 e a necessidade de formação de um novo consenso. As dimensões de tal processo na formação do Partido dos Trabalhadores são analisadas por Eurelino Coelho (2012) em *A esquerda para o capital - O transformismo dos grupos dirigentes do PT (1979-1998)*.

Não se trata neste presente artigo de desmascarar essa dominação que se esconde pelo novo. Ela nos é conhecida. Apontar como isso se dá no plano da cultura e da recepção de manifestações culturais que nos expliquem é o objetivo aqui. A Semana da Arte Moderna e seus manifestos que se seguiram, as discussões acerca do nacional-popular dos anos 1950, a tropicália e o que se falou dela nas décadas seguintes parecem se somar na construção de uma constelação

que nos diz algo. Se tomarmos, por exemplo, um recorte como a década de 2000 e a seguinte que se está em curso temos elementos para pensarmos a canonização da manifestação tropicalista hoje. Não é forçoso relaciona-la ao nosso momento histórico. Seja pelo estranhamento, continuidade ou ruptura. Comentando a performance do grupo de teatro da companhia do Latão da cidade de São Paulo, Francisco Alambert afirma na sua crítica pontos que identificam o contemporâneo, o Brasil pós-ditadura com suas derrotas à canonização da tropicália. Como se esta fosse a manifestação vanguardista brasileira por excelência e trouxesse consigo algo que nos explicasse no nosso presente nesta primeira década do século. O quadro já se anunciava nos anos 1990 com o advento e a anunciação do termo globalização.

A mercantilização e a fetichização de uma época encontrariam nos anos 1960 um apoio, uma fonte de dissenso que é embalado homeopaticamente pela ordem hegemônica. As continuidades e rupturas de uma época “que não terminou”, que está em transe ou agitada. A conformação pós-64 e a modernização dos anos 1970. Impulsos que podem se confundir. O que nesse contexto de abertura lenta e gradual a crítica musical se discutia.

Pensar a década atual e a última através das transformações operadas pelo lulismo e o que isso representou no plano da cultura é imperioso. A atualização do FEBEAPÁ (Festival de Besteiras que Assolam o País) na figura de Eduardo Cunha torna-se importante assim como o contraste com o conservadorismo observado logo após o golpe. No vídeo *disputa de pensamento* - programa I - a fala de Iná Camargo sobre a conjuntura política atual toca num ponto crucial quando comenta a diferença entre o fascismo e a ditadura militar. Uma das características do fascismo é que as figuras que chegam ao poder o fazem pela aparência do jogo democrático. Nesse sentido o lema de "mais amor por favor", o rosa choque de Haddad em São Paulo e a forma como é utilizado pelo governismo se ressignifica, assim como a leitura de outros momentos culturais do Brasil. Um viés progressista que encontra em doses homeopáticas de dissenso e questionamento da ordem é então erigido no quadro político e ideológico atual como se se opusesse ao fortalecimento do conservadorismo quando na verdade faz parte desse momento. É preciso um trabalho crítico para apontar os nexos entre esse momento e o quanto as referências à tropicália se conectam, seja através de mostras, seminários, festas ou homenagens de rua.

Há um potencial imagético que reside em análises como a do Benjamin. O que implica em dizer que o tropicalismo pode construir uma visão hegemônica neste início do século? O que isso pode representar para o ciclo iniciado em 2003 e que dez anos depois deu mostras de seu

esgotamento? Schwarz ao comentar forma tropicalista em sua análise sobre Verdade Tropical de Caetano diz:

Se entretanto atentarmos para a dimensão temporal que no fim das contas organiza e anima as justaposições, em que o ultranovo e o obsoleto compõem uma aberração constante e inelutável, algo como um destino, o referente passa a ser outro, historicamente mais específico e francamente negativo. Em lugar do Brasil-terra-de-contrastes, amável e pitoresco, entra o Brasil marcado a ferro pela contrarrevolução, com sua combinação esdrúxula e sistemática de modernização capitalista e reposição do atraso social - a oposição atrás das demais posições -, de que a fórmula tropicalista é a notável transposição estrutural e crítica. Nesse sentido, sem prejuízo das convicções políticas contrárias do autor, o absurdo tropicalista formaliza e encapsula a experiência histórica da esquerda derrotada em 1964, e sua verdade. Nem sempre as formas dizem o que os artistas pensam. (Schwarz, 2012, p.101)

Essa provocação nos faz pensar no tempo e na ideia de legado. Problematizar o tempo não quer dizer aqui que este deva ser naturalizado e encarado como uma categoria neutra em cujo corpo percorre a história. Encará-lo filosoficamente para que nos questionemos constantemente sobre o contemporâneo. As cidades brasileiras são feitas de muitos fantasmas. Prédios que não existem mais, organizações que não mais existem. No aniversário da cidade do Rio de Janeiro em 2012 encontramos na comemoração oficial os fantasmas da cidade que traziam cartazes que diziam: "em tempos de euforia problemas reais viram fantasmas"¹. São muitos os fantasmas que nos assombram. A ocupação frente à câmara do Rio de Janeiro é mais um dos fantasmas da insubordinação que é sempre calada que agora resta na ausência das barracas que já lá estiveram.

Desmontando a operação ideológica da direita que através da ideia de totalitarismo procura invalidar o questionamento da ordem podemos pensar na lógica globalitária utilizada em debates que propõem reflexões diferentes da lógica dominante. O acerto do termo se deve

¹ As imagens dos fantasmas da euforia podem ser visto na página do Facebook do artista Batman POBRE. Link para as fotos: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=275530265911800&set=a.275424082589085.1073741825.266393826825444&type=1&theater> - acesso em 30/03/2015. O movimento "Eu amo o Rio, mas não sou correspondido, um manifesto contra a euforia" foi fundado pela professora universitária de design Cláudia Bolshaw. "Menos, menos" - O Globo, 12 de março de 2013

também ao uso que os conservadores fazem da ideia de totalitarismo. Quando totalidade é confundida com totalitarismo é preciso se apropriar desse termo sem delongas e utilizá-lo para que se desmonte argumentações que podemos identificar como claramente conservadoras no sentido que se propõem a ser neutras ou conciliadoras. Esse conservadorismo se mostra muitas vezes através da roupagem do novo e da modernidade, algo distinto de um FEBEAPÁ tacanho muitas vezes criticado por uma lógica que se quer lúcida e moderna. Dessa forma, a proposta deste artigo que não surge do nada e se baseia em muitos trabalhos críticos que propõem uma visão não hegemônica do que ficou conhecido como movimento tropicalista.

A crítica pensa a própria crítica em sua análise da manifestação artística tropicalista. A relação das manifestações culturais recentes com o contexto atual são tudo menos estáticas. Assim como a relação de manifestações como a tropicália com o contexto da ditadura e da abertura a uma suposta democracia. O passado está pendente, pois nada está seguro, nada está a salvo como se afirma nas reflexões de Walter Benjamin. Pensemos agora com olhos livres o que ficou conhecido como tropicalismo. É importante que reflitamos sobre o significado que o tropicalismo assume nas manifestações culturais recentes e em nossas reflexões sobre a nossa cultura. Os que nasceram nas décadas de 1980 e 1990 chegamos a ver o tropicalismo nas últimas folhas de nossos livros didáticos de literatura. Naqueles capítulos geralmente intitulados "tendência da literatura contemporânea" que geralmente o professor não chegava a dar ou comentava apressadamente. Eis aqui um nicho interessante de estudo para o multiculturalismo autocrítico.

É nesse sentido que encontramos em uma colocação de Liv Sovik um importante apoio. Em um artigo sobre a tropicália escrito no ano de 1997 a pesquisadora afirma que o quadro encontrado àquela altura lhe permitia dizer que o tropicalismo tinha se tornado hoje uma desculpa para se falar sobre outros assuntos. E não é a interpretação do Brasil atual uma pedra no sapato, uma pedra na engrenagem das usinas de ideias patrocinadas pelo status quo? A interpretação, a crítica ou a análise são por si só desafiadoras por nos questionarem e nos permitirem discordar do que está aí estabelecido. Qual tom, porém está sendo dado à discordância? Quais discordâncias são na verdade repetição do mesmo, do consenso que se traveste de dissenso? Em que medida o óleo do mito do progresso torna macia o desenvolvimento dessa engrenagem permitindo que atrocidades muitas sejam cometidas em um contexto que muitas vezes reivindica para si um caráter questionador, diferente daquele que se nos apresentou na época da chamada ditadura civil-militar?

Reivindicado por distintos campos de saber Walter Benjamin é hoje amplamente utilizado e debatido sendo o seu nome uma outra espécie de crachá importante para o clube dos iniciados na linguagem acadêmica. É dessa forma que nos deparamos com a Moda Walter Benjamin. Termo cunhado por Beatriz Sarlo em um artigo do final do século XX intitulado "Olvidar a Benjamin". As reflexões de Sarlo encontram eco nas de Jean Marie Gagnebin realizadas mais de uma década antes, em 1982, quando esta reconhece que pairava sobre o alemão no ambiente crítico um caráter de modismo que deveria ser analisado.

Em linhas gerais o que há por trás das reflexões dessas pesquisadoras é, para utilizarmos a imagem de Sarlo, uma espécie de inflação de muitos conceitos de Walter Benjamin. Categorias como o Flâneur, aura ou experiência se encontram inflacionadas, utilizadas aos quatro cantos da academia de maneira que não estejam conectadas com as linhas mestras que guiaram o trabalho do alemão. Explicitemos a moda Benjamin em uma colocação realizada por Beatriz Sarlo:

A leitura de Benjamin (e, junto com ele como se tratasse mais ou menos do mesmo, de Schorske, Berman, Sennett, De Certeau, Augé, Baudrillard, entre outros) tem produzido uma espécie de erosão teórica que carcome a originalidade benjaminiana até os limites da completa banalização. Dizer que estamos frente a um caso de empobrecimento semântico é pouco. Benjamin está ensopado em um xarope puramente léxico: ele é citado como se a citação assegurasse, como às vezes assegurava a Benjamin depois de muito trabalho compositivo e histórico, a produção de um sentido novo sobre cenários diferentes (Sarlo, 2007, p. 79-80; tradução minha).²

O esvaziamento do caráter anticapitalista, de genealogia da modernidade é também referido por Terry Eagleton que se propõe a escrever um artigo sobre Walter Benjamin antes que a direita o faça. E esta não tardou tempo. Leon Wieseltier, editor da revista *The New Republic* desde 1983 é um exemplo do desmerecimento e diminuição da dimensão questionadora da

² No original: La lectura de Benjamin (y, junto con él como si se tratara más o menos de lo mismo, de Schorske, Berman, Sennett, De Certeau, Augé, Baudrillard, entre muchos) ha producido una especie de erosión teórica que carcome la originalidad benjaminiana hasta los límites de la completa banalización. Decir que estamos frente a un caso de empobrecimiento semántico es poco. Benjamin está ensopado en un jarabe puramente léxico: se lo cita como si la cita asegurara, como a veces le aseguraba a Benjamin después de mucho trabajo compositivo e histórico la producción de un sentido nuevo sobre escenarios diferentes.

ordem estabelecida. Em uma introdução para um livro de Hanna Arendt publicada em 2007 o autor exemplifica a apropriação liberal em seu aspecto mais vulgar da moda Benjamin:

Com seu temperamento e seu método, Benjamin era um esotérico. Foi o cabalista da modernidade. Em seu mundo obscuro e encantado só havia mistérios ocultos e revelados. Sua paixão pelo marxismo, o episódio mais embaraçoso dentre seus devaneios mentais, o único momento em que se consentiu no regimento de sua própria mente, pode ser interpretado apenas como um dos exercícios mais desesperados de sua leitura arcana. (Tradução minha)³

Nesse sentido como ficaria a relação que poderíamos estabelecer entre a moda Benjamin e a moda tropicalista? O termo moda tropicalista é interessante por nos permitir pensarmos sobre o aspecto da moda. Tema este que não deixou de ser uma das reflexões presentes na grande obra de Walter Benjamin *Passagens* (2006). A moda da tropicália que nos referimos hoje é a sua ampla presença tanto a um nível acadêmico quanto fora da academia. Sendo assim, teses, monografias e dissertações se somam a documentários, catálogos de exposições e inclusive textos de tendências da moda em sites de marcas de moda. A colocação seguinte ressignifica-se e nos dá uma interessante ideia do que poderia ser considerado como um superficial discurso sobre o assunto:

*Agora o tropicalismo está de volta, mas dessa vez sem tanta rebeldia: ele apenas vai entrar em nossos guarda-roupas! Vamos participar do tropicalismo pelo simples prazer de vestir o bonito, o colorido e o alegre, mostrando o orgulho que temos do nosso país.*⁴

³ “In his temperament and in his method, Benjamin was an esotericist. He was modernity's kabbalist. In his turgidly enchanted world there were only mysteries, locked and unlocked. His infatuation with Marxism, the most embarrassing episode of his mental wanderings, the only time that he acquiesced in the regimentation of his own mind, may be understood as merely the most desperate of his exercises in arcane reading.

⁴ Disponível em <http://www.manamauecalcados.com.br/brasil-Tropicalismo-na-moda/> – acessado em 06 de outubro de 2013.

Desenha-se aqui uma interessante e cativante contradição. A tropicália que havia assumido em seu desenrolar um forte caráter iconoclasta, questionador de mitos como argumenta Celso Favaretto e Gilberto Vasconcellos encontra-se hoje caracterizada como um grande mito, ela mesma erigida e monumentalizada marcando presença nas páginas da história oficial. Este processo de consolidação, objeto de minhas pesquisas que estão em processo se dá no desenrolar das últimas décadas. A análise dos aniversários da tropicália encontrados nos anos que terminam em 7 ou 8 é outro interessante campo de análise para nós críticos. O próprio Gilberto Vasconcellos que escrevera em 1977 uma obra elogiosa da tropicália em uma recente entrevista declarou renegar esse livro e afirmou:

A tropicália é o triunfo do rico, do cara que venceu, e indiretamente é o aplauso do genocídio. O que a tropicália fez? Aprovou o quê? A multinacional é que é o quente, que ganhou, venceu a burguesia gostosa. É a valorização da multinacional como motor do desenvolvimento. Por isso que eu digo que a tropicália é a transfiguração sonora da economia política do automóvel trazida pelo Juscelino Kubitschek (Vasconcellos, 2012)

Observa-se a necessidade desafiadora de pensarmos a contemporaneidade. Nesse ponto podemos pensar na afirmação de Walter Benjamin de segurar o hoje pelos chifres⁵. É justamente o argumento do advento do novo e de uma lógica nova uma das características do mito do progresso, como se - ao passar dos anos - uma nova subjetividade se fizesse presente. Não se trata aqui de negar a existência da novidade, mas sim de matizar o fato dessa novidade anular a possibilidade de existência do que já existia antes.

Nesse sentido, categorias como classe ou ideias como as relacionadas à revolução social perderiam a sua validade. O marxismo seria questionado e deixado de lado. Segundo Eurelino Coelho em seu livro *A Esquerda para o Capital* a crise do marxismo como um processo que instaura a si mesmo pode ser considerado um fenômeno de características performáticas:

⁵ Esta colocação pode ser encontrada no seguinte trecho de "Wider ein Meisterwerk" ainda não traduzido para o português: "Das echte Bild mag alt sein, aber der echte Gedanke ist neu. Er ist von heute. Dies Heute mag dürrig sein, zugegeben. Aber es mag sein wie es will, man muß es fest bei den Hörnern haben, um die Vergangenheit befragen zu können. Es ist der Stier, dessen Blut die Grube erfüllen muß, wenn an ihrem Rande die Geister der Abgeschiedenen erscheinen sollen." Nossa tradução para o português seria: "A imagem real pode até ser antiga, mas o pensamento real é novo. Ele é de hoje. O hoje pode até ser medíocre, admito. Mas ele pode ser como quiser, é preciso segurá-lo firme pelos chifres para poder interrogar a verdade. Ele é o touro cujo sangue precisará preencher a cova caso os fantasmas dos finados apareçam ao redor dela." O artigo pode ser acessado em: <http://gutenberg.spiegel.de/buch/2981/99> - acessado em 02/06/2015.

O marxismo estaria [...] sendo superado pela própria evolução histórica das sociedades capitalistas, cujas características recentemente desenvolvidas já não poderiam nem ser explicadas por intermédio do arcabouço conceitual marxista nem enfrentadas com os recursos da estratégia política marxista. (Coelho, 2012, p.29)

Ou, como poderíamos argumentar, haveria um novo estatuto do político. Essa mudança é comentada por uma canônica obra da tropicália, a de Heloísa Buarque de Hollanda. (1981) Dessa forma, podemos situar a crítica que é feita ao artigo de Roberto Schwarz sobre a tropicália. Em um mundo governado por uma nova subjetividade é preciso atentar para outras formas de questionamento da ordem. Formas essas que talvez poderiam ser encontradas no terreno do comportamento ou no terreno cultural. Como se a esfera cultural assumisse uma importância maior que outras que poderíamos chamar de política ou relacionadas a outras categorias que não mais dariam conta da realidade. A própria crítica à modernidade capitalista seria invalidada.

No que tange ao multiculturalismo contemporâneo há um ponto interessante que deve ser posto em discussão: trata-se do uso que hoje é feito da diversidade cultural e das diferentes culturas existentes. Em tempos de captação de recursos para editais na área cultural a diversidade torna-se uma moeda de troca importante presente tanto em artigos acadêmicos, propagandas comerciais e políticas. Se é que hoje poderíamos separar o que seria uma propaganda comercial de uma propaganda política. Essa inseparabilidade denota um processo que se acentua que é a transformação dos cidadãos em consumidores.

A valorização da diversidade e também de um ideal de universalidade pode ser identificada na lógica da terceira via a direita para o social. A indissociabilidade da direita para o social e da esquerda para o capital nos mostra que fazem parte de um mesmo processo. À universalidade única existente é atribuído o status de razão vitoriosa. É nesse sentido que podemos pensar aproximações com o que poderíamos chamar da lógica tropicalista hegemônica. Em um congresso realizado em 1997 acerca dos 30 anos do tropicalismo muitas pessoas deram o seu depoimento e sua interpretação acerca da tropicália. Dentre as falas são notórias as de Fernando Gabeira e Genoíno, ali percebemos a conformação de um interessante discurso. É claro o tom de autocrítica nas duas figuras, identificadas à época à esquerda revolucionária e que ao final dos anos 1990 assumiam uma espécie de lucidez de que a luta política se faz dentro dos limites do próprio sistema e que os anos 1960 se configuraram em um tempo quando era

permitido sonhar e questionar as coisas. É assim que podemos entender o discurso que fazem acerca da tropicália, as desculpas que pedem por não terem-na entendido corretamente. E daí, a partir de uma separação entre cultura e política, percebemos o peso que a universalidade possui para os dois e o quanto esta poderia ser identificada ao tropicalismo em seus discursos. A análise do discurso de Jorge Mautner na defesa de Belo Monte é interessante neste ponto.⁶

A universalidade opera aqui no plano de afirmação de uma percepção que poderíamos chamar de “global” no estilo usado por Heloísa Buarque de Hollanda em sua crítica a Schwarz.⁷ A universalidade da cultura jovem e da rebeldia é associada ao tropicalismo. Sugerir um descompasso entre vanguarda política e artística não é algo descabido, porém atribuir a todo o conjunto da esquerda a cegueira em relação ao tropicalismo e a necessidade de se revolucionar os costumes é algo demasiado apressado e reflete muito bem a formação de um consenso conservador em relação às lutas políticas passadas. Esse consenso pode ser observado no trecho em que Fernando Gabeira comenta o discurso de Caetano no Festival da Canção de 1968, quando foi vaiado ao cantar “É proibido proibir”:

Eu me lembro que o próprio Caetano quando foi vaiado cantando o “É proibido proibir” ficou muito sentido porque sabia que estava cantando alguma coisa de esquerda. Ele sabia que estava de certa maneira expressando a *palavra de ordem mais avançada possível naquele momento*. E, no entanto, ele

⁶ É preciso citar um interessante depoimento realizado por Jorge Mautner para a TV Belo Monte. No vídeo há importante material de pesquisa para aqueles que procuram analisar no discurso do autor de Fragmentos de Sabonete uma justificativa para o ecocídio que está sendo realizado no norte do Brasil. Mautner declara que "a nossa democracia é realmente muito democrática e a mais ampla de todas em sua constituição." Uma análise crítica sobre o vídeo pode ser encontrada em uma matéria publicada no blogue O Palco e o Mundo: "Belo Monte e Mautner: Kaos em favor da Ordem". Pádua Fernandes conclui sua análise sobre o artista da seguinte forma: Pois o artista-filósofo afirma que é "nos demais países latino-americanos" que "a população índia é 'espacialmente' separada da outra"; no Brasil, ela não seria, por causa da miscigenação... Cito a página 71 do livro-sabonete. Espaços para os índios, para o autor, não se justificam, portanto. É interessante ver como o argumento da miscigenação pode ser apropriado de forma palatável para o racismo. Em nome da união nacional (a Ordem por trás do Kaos), calam-se as dores dos divergentes: "aqui é uma só festa, um só futebol, um grande carnaval, lembrar mestre Gilberto Freyre." Disponível em: <http://opalcoemundo.blogspot.com.br/2012/01/belo-monte-e-mautner-kaos-em-favor-da.html>. O vídeo com o depoimento de Jorge Mautner pode ser visto no youtube em <http://www.youtube.com/watch?v=veYjzkeO1qI> - Acessos realizados em 28/05/2015.

⁷ Refiro-me aqui ao seguinte trecho do capítulo “O susto tropicalista na virada da década” do livro *Impressões de viagem*, de Heloísa Buarque de Hollanda (2004): “O tropicalismo começa a sugerir uma preocupação com o *aqui* e o *agora*, começa a pensar a necessidade de revolucionar o corpo e o comportamento, rompendo com o tom grave e a falta de flexibilidade da prática política vigente. [...] Faltou ao excelente ensaio de Schwarz uma percepção mais global, capaz de dar conta dos efeitos críticos do tropicalismo entendido como uma nova linguagem crítica, especialmente no sentido da subversão de valores e padrões de comportamento.” (Hollanda, 2004, p. 70).

absolutamente não era entendido. Ele era vaiado. Então ele disse “você são uns fascistas”, “você não entendem o que está se passando”. E ele tinha razão porque a visão de arte da esquerda brasileira, naquele momento, e, de modo geral, a visão de arte da esquerda, até hoje, é muito limitada (Gabeira, 2000, p. 92-3; grifo meu).

Sobre as usinas de ideias patrocinadas pelos donos do poder podemos pensar num interessante documento que nos dá mostra da nossa história recente e do quanto a esfera cultural tem se relacionado com a sua realidade política e social. Essa nova lógica vai de encontro aos momentos de transformação da cidade do Rio de Janeiro com os megaeventos. É importante pensarmos que a conjuntura que se formou em junho de 2013 não vem de um vazio. Para isso, precisamos preencher o que há por trás do mote Somos Um Rio. O manifesto pela reeleição do prefeito Eduardo Paes é uma mostra do consenso como o combustível para a usina de ideias patrocinadas pelo status quo. Ler os nomes presentes no manifesto é um exercício de crítica interessante, principalmente à luz das jornadas de junho de 2013 e da forte repressão policial e truculência do prefeito Eduardo Paes em relação aos movimentos sociais, sejam eles os dos professores grevistas ou dos que lutam pela moradia. Somamos a isso o apoio de Sérgio Cabral e do governo federal para termos a dimensão da formação desse consenso e do que ele representa em um amplo espectro de tantas lendas e tantos nomes. Chama a atenção nas assinaturas o amplo espectro de variadas áreas e nomes como Martinho da Vila, Chacal, Oscar Niemeyer, Amir Haddad e Heloísa Buarque de Hollanda. Não há como pensar que esses artistas e críticos propuseram em muitas de suas obras a politização da arte, um diálogo crítico que não interdita a relação entre cultura e política. O poder de consenso referido neste manifesto é o mesmo que possibilita hoje uma espécie de higienização da tropicália e da memória dos anos 1960. Essas mistificações estão conectadas e dizem respeito a forma como encaramos nosso tempo histórico. Questioná-los é, portanto, recusar a mistificação que se erige sobre eles e a sua famigerada década.

A crítica da modernidade capitalista hoje diluída em críticas a outros aspectos da realidade ou descafeinada⁸ em fórmulas vagas que assumem a grandeza da nossa democracia e

⁸ Essa metáfora é utilizada por Žižek em muitos de seus textos. Ela pode ser encontrada, por exemplo, em seu conhecido discurso “Tinta vermelha” proferido aos manifestantes do movimento *Occupy Wall Street*, em outubro de 2011. O texto do discurso está disponível em http://operamundi.uol.com.br/conteudo/opiniao/esp_1659/a+tinta+vermelha+o+discurso+de+slavoj+zizek+no+occupy+wall+street.shtml – acesso em 10/04/2015.

do momento vivido. Encontrado em discursos de Mautner sobre Belo Monte assim como o de Tom Zé - na propaganda da Coca Cola celebrando a diversidade -, nas assinaturas do manifesto pela reeleição de Paes e na declaração do presidente do SESC⁹ em São Paulo sobre a tropicália. É nesse sentido que a crítica literária e a sua autocrítica não deve se eximir de ter a própria academia como objeto de análise. E na história da consagração da tropicália, essa dimensão ocupa um papel deveras relevante.

Na procura e na disposição destes discursos o desenho do hoje deve nos orientar, interpreta e revelar. Na busca de pensar e interpretar o tempo o trabalho crítico se realiza. As imagens dialéticas de Walter Benjamin são imagens que contém em si a redenção e comunicam-se, iluminam-se e passam furtivas. Percebemos o quão importante é o questionamento da lógica temporal cronológica. É por isso que a investigação das imagens do presente e os seus fascínios na assunção do novo em manifestações artísticas como a tropicália é necessária.

⁹ Essa declaração feita pelo presidente do SESC em um livro comemorativo dos 20 anos da tropicália no ano de 1987 é a seguinte: *Temos plena certeza de que este esforço de revisão do tropicalismo atingiu seus objetivos, quer do ponto de vista da informação, quer do ponto de vista de uma certa revivência lúdica que aproximou os jovens de ontem aos jovens de hoje, através de sua intensa programação. Mas, principalmente, do ponto de vista de fazer um registro histórico e o necessário desvendamento de seus significados. Se de “Tropicália 20 Anos” ficar ainda um pequeno e involuntário sabor nostálgico, isso certamente será devido a uma natural simpatia que a entidade sempre nutriu por aqueles que têm ou tiveram a ousadia de mudar* (SESC, 1987, p. 7).

Referências Bibliográficas

- ALAMBERT, Francisco. “A realidade Tropical”, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, mar/set, p.142x2012
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *Passagens*. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte, _____ . *Illuminations*. (org. ARENDT, Hanna) prefácio de WIESELTIER, Leon (2007). New York: Schocken Books, 1968.
- Eagleton, Terry, *Walter Benjamin, or Towards a Revolutionary Criticism*. London: Verso Editions and New Left Books, 1981.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde (1960/1970)* 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LÖWY, Michael; *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “sobre o conceito de história”*; São Paulo: Boitempo, 2005.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). *A direita para o social e a esquerda para o capital: intelectuais da nova pedagogia da hegemonia no Brasil*. São Paulo: Xamã, 2010.
- PEREIRA, Jesus Vasquez (org.). *Tropicália 20 anos*. São Paulo: SESC, 1987
- SARLO, Beatriz. *Siete ensayos sobre Walter Benjamin*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- _____, *Walter Benjamin, or Towards a Revolutionary Criticism*. London: Verso Editions and New Left Books, 1981.
- SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia - Ensaio e entrevistas*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *Música Popular: de olho na fresta*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977
- _____. “Tropicália, triunfo do rico e aplauso do genocídio”: entrevista [10 de dezembro de 2012]. São Leopoldo: *Revista do Instituto Humanitas Unisino*. Ano XII, nº411 Entrevista concedida a Thamiris Magalhães, Leandro de Souza Domith e Pedro Bustamante Teixeira.
- VELOSO, Caetano. *Verdade tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____. *1968 - O que fizemos de nós*. São Paulo, Editora Planeta do Brasil, 2008.